

## **O exorcismo radical dos complexos**

O exorcismo dos complexos e da perplexidade que lhe está associada; sabido que a perplexidade, corrompe, enfraquece ou devassa o juízo perfeito, e a saúde física dos neurónios cerebrais.

### **Prefácio e princípio**

O sentido da colisão entre o bosão de Higgs, e qualquer outra partícula, visa a superior organização das células, e da sua saúde mental, logo do todo que anima e pode ser animado e de tudo vivo que se move, no ser humano.

Quando do big-bang, este bosão conferiu a sua massa a todas as outras partículas; A vontade simples de estar desperto e compreender todos os fenómenos mentais possíveis de acontecer, em permanência, é uma réplica actual desse big-bang que assim se perpétua como um efeito; sendo pois a origem da força super simétrica destas partículas e de organização de todas as células e conjuntos de órgãos dum corpo móvel; que incluem a força do comando, independente dos movimentos da vontade involuntária deste corpo. No big-bang reside a eventualidade real de novos fenómenos mentais supostamente sendo uma repetição. No bosão de Higgs, reside a força que confere força e organização a todas as outras células nervosas.

Esta força inclui as imagens e emoções transmitidas durante os sonhos, a partir dos quais o cérebro reconstrói a sua vida emocional automaticamente e no sentido do seu equilíbrio permanente, adaptando-o a resistir a qualquer situação psicológica de vida real penosa.

Psicologicamente, este mesmo cérebro humano são labirintos de simetrias acumuladas dum representação global real com uma outra figuração global virtual; o mesmo sofre e incomoda-se quando é assolado por assimetrias entre uma coisa e outra, ou seja: entre uma representação real e uma figuração virtual; assim como nutre prazer quando reconhece ou imagina novas simetrias, que se associam instintivamente a anteriores simetrias, num ciclo interminável de equilíbrio mental, afectivo e emotivo.

### **As máscaras e os sentimentos**

Esta ficção, intercalada com um ensaio, estuda as máscaras humanas, associadas à vergonha e perplexidade que as mesmas provocam: as reacções e as emoções que estes sentimentos nos inspiram, durante estados eventuais de alucinação ocasional; considerando-se este estado de alucinação como

fazendo parte duma assimetria mental, que incomoda e corrompe o juízo perfeito. Qualquer sentimento pode ser transformado em alucinação, a qual se associa inevitavelmente à estrutura do mesmo, como são o caso da vergonha e da perplexidade juntas.

As máscaras, por mais que pensemos que as conhecemos, serão sempre muito estranhas, enganosas e misteriosas; tal como um “graffiti” excêntrico de três dimensões, borrando uma parede limpa, ou insinuando-se numa pequena paisagem de objecto muito próximo da nossa pessoa.

A máscara, é um objecto psíquico bruto, tal como, por exemplo, uma vulgar cadeira, é uma coisa filosoficamente estúpida; e que parece ter sido concebida por algo misteriosamente caprichoso.

Na sua essência, a máscara, é uma imagem e símbolo plástico de movimentos livres, que subtilmente nos iludem a cada instante, na sua prisão panorâmica global de expressão estática; assim como é um misto de simetria e de assimetria, de contornos físicos muito desiguais, que divergem em pormenor de máscara para máscara, divergência esta que nos afecta, sem que possamos evitar como.

A interpretação desta expressão estática, será sempre uma grande e eterna utopia impossível de se compreender, pela contradição com esse movimento de expressão plástica a que está subjacente, que se constitui em memória por uma convenção psicológica automática primária por cada gesto ou mímica, que a mesma reflecte a outrem alheio, a quem se expõe, e com quem se comunica.

Aquilo que cada um sente por detrás da sua máscara, mais ninguém conseguirá alguma vez sentir, da mesma forma e afectação do que aquele que se sente a si mesmo, a não ser por falsa ilusão ou aparência convencional; assim como não é possível conhecer ou imaginar a afectação, que a nossa máscara faz sentir a outrem; que não é o mesmo daquilo que nos faz sentir a nós; este fenómeno de susceptibilidade nervosa recíproca põe em relevo uma brutal assimetria afectiva, entre um ser e outro ser semelhante, pelos sentimentos que lhe estão associados de vergonha e perplexidade, num híper complexo mental de pensamento moral.

O ser humano, é uma identidade diferenciada e entidade com e sem sanidade mental previamente garantida, em pleno; e numa dinâmica de instabilidade emocional psico-social adquirida como um desafio virtual vital, desde infância; num simultâneo de variadas, precárias, frequentes e intensas objecções de lucidez permanente e perpétua, sob um panorama fixo de egoísmo e altruísmo biológico dinâmico. Este mesmo ser humano ilude-se a si mesmo, com aquilo que julga afectar e existir por detrás da máscara de outrem com quem instintivamente se comparará eternamente.

A construção e preservação de uma mentalidade, passa fundamentalmente, pelo desenvolvimento recolhido duma psicologia de fruição natural; uma psicologia de auto-exorcismo do íntimo da sua excentricidade virtual, por pressão interior de diversos adventos, no silêncio e agitação interna da

memória da máscara, enquanto tempo, e activa de cada um, onde se sucedem multi sugestões e emoções que auto impressionarão sempre e eternamente todo o ser humano; numa necessidade permanente de exorcismo dos complexos, a partir do bosão de Higgs.

A psicologia não será, assim, só uma ciência, mas também será essa forma, técnica e método mental, imediatamente disponível, pela inteligência e para a contemporização e fruição de si mesma, pela tal identidade de diferenciação sintética perante todos os outros seres, quer nas formas, quer nos conteúdos; e sem deixar de ser idêntico a todos os outros, embora de forma bruta ou estúpida.

Nesta contemporização, estará sempre iminente, o perigo em retorno aos focos embaraçantes de instabilidade original e por uma harmonia contrariante de uma convicção, confiança em conhecimento e experiência dessa identidade diferenciada, simbolizadas na máscara, subjacentes a uma cultura própria ou saber inspirado ou conhecimento aceite como influências interiores e exteriores.

Por vontade impulsiva, todo o ser ambiciona projectar a vergonha e a perplexidade que o incomoda noutro ser, como forma de se libertar desse incómodo.

Cada um, honrando-se e dignificando-se a si mesmo, será sempre obrigado a proteger-se com actividade mental e coragem das perplexidades, originadas pelas máscaras, que paralisam o pensamento; a única forma de intelectualmente nunca cair no desânimo, dissolvendo essas micro perplexidades naturais comuns inevitáveis, cuja assimetria subtil, e subitamente, surge, a cada momento; quando ameaçados, devido à nossa natureza insana, em admitir deixar de ser um ser único e exclusivo, contagiável e empaticamente dominável por algumas partes desse “todos” colectivo, enfrentando a tensão de passarmos a ser só essas partes fragmentadas, desse incómodo “todos”; que será totalmente incompatível com o ser único, com o qual nascemos e que sempre quisemos e quereremos ter como um poder forte, simétrico, uno, íntegro, dominante e intangível.

A força e o poder de intuição, compreensão e retenção, síntese de centralização e informação mental sistematizada por contextos, constrói-se ao longo da vida, enquanto estudo permanente; esta construção será sempre inerente ao benefício instantâneo do estado de lucidez, por rasgos desta mesma lucidez sob inteligência, oposta à inesperada alucinação ocasional, inspirada nas máscaras, sempre destorcedora das sensações mais normais ou simétricas.

O cérebro tende a formar, então, ideias primárias panorâmicas sintéticas de multi percepções, imediatamente disponíveis por atenção subjacente e às quais fica emocionalmente afecto (neuro-psicogenia), segundo a utilidade inter contagiante de alívio -tensões biológicas cronicamente latentes em atracção ou repelência de sugestões objectivas imateriais ou materiais ou eróticas, nas

quais, mesmo o significado representado dos objectos brutos (máscaras) em ideias ou imagens têm uma dependência e intensidade de interesse-desinteresse; tal como a visão, e outros órgãos, que formam e transmitem as imagens reais ao mesmo cérebro, também o poder de compreensão sintético transmite a formação de associação, de ideias sistematizadas e equilibradas, por contextos emotivos inspirados nas máscaras; tal como uma paisagem visual transmitida de imagens multi focadas pela visão, sejam estas estáticas ou móveis.

No cérebro há zonas especiais onde estão os diversos comandos: zona da mobilidade, da fala, do sono, da fome, da sede, do pensamento, da atenção, dos afectos, sendo que para cada sentimento dos milhares e milhares que existem, há também um centro específico.

A lucidez, na sua lentíssima acção larvar, proporciona a desmistificação dos complexos contraídos, das relações com estes objectos brutos, que são as máscaras, e as ideias a elas inerentes, assim como propicia uma dissolução eficaz de intrincadas ou ilógicas alucinações ocasionais, a eles relativos; ou em projecções, de fascínios por formas, cores e sons.

O corpo humano, para além da cara, enquanto máscara, é física e objectivamente composto por várias molas articuladas (tronco, pescoço, pernas braços, mãos e pés) e uma bola assimétrica (cabeça), que se suporta em cima das mesmas.

## **A RADIOGRAFIA DAS CARAS**

Como é por dentro outra pessoa?  
Ou a visibilidade do que é invisível.

### **1-INTRODUÇÃO**

Caras, rostos, máscaras, vozes e sons vocais associados são um aspecto global e filosófico; as caras são como mini-teatros “ambulantes”: Os elementos coreográficos em movimento da expressão plástica (agitação do pescoço, piscar de olhos, o mexer sincronizado das retinas; o mover das faces,

lábios - do riso ou sisudez -) acentuam num conjunto coerente ou variado, a tendência melo-dramática de vários sentimentos acoplados e sentidos intelectualmente (por outrem que nos encara), e pela inscrição num pequeno espaço ovalizado da cabeça do corpo humano. (este texto recupera e retracts alguns temas do livro "ARIANOM, A LIBERTAÇÃO DO "EU", da minha autoria, publicado em 1976). Do ponto de vista psicológico a expressão do "nosso" rosto (efeito em "feed back" da "nossa" cara, observada no outro) é uma ilusão imaginosa, para "nós" mesmos (sugestão): pela auto insinuação imaginada na observação intuída desse efeito que se provoca no outro (sentida como mais ou menos repelente) e quando estamos face a face com esse mesmo outro. Na nossa memória de contextos essa sugestão é eclipsada, pelo efeito directo que a cara do outro (enquanto não nos habituamos a ela) na realidade nos provoca a nós que a olhamos. Gera-se assim um complexo: será que o "outro" se apercebe do efeito (de maior ou menor repelência) que a sua expressão natural de rosto provoca a terceiros? Claro que não pode conhecer (sentir) esse efeito a não ser "ter" uma difusa opaca e ténue intuição de curiosidade. Todas as caras, enquanto expressão estática, inspira sentimentos como tristeza, desespero, raiva, medo, riso; o "outro" entra em empatia fisiológica e psíquica, pela insinuação provocada pelos mesmos (expressão estática); podendo dar origem a uma banal crise em vertigens mentais, e alucinações, sob certas condições propícias do "Eu"(não auto resistência psicológica ocasional). As caras podem expressar beleza ou fealdade; Os rostos traduzem a identificação da raça; as máscaras reflectem a alegria, tristeza o medo, etc.; os sons vocais sugestionam e acentuam os efeitos dos objectos a que estão referidos a este conjunto de caras deve ser incluído o dos rostos e corpos humanos que nos fazem lembrar (em proto ideias) alguns animais conhecidos: pinguim, cão e macaco em simultâneo; fuças de foca e porca; peixe comprido e estreito a andar; monstro e pessoa, etc, etc.1/12/2006 \* As caras, as máscaras, as vozes estão intimamente ligadas às fobias alucinadas; estas são como o joio, planta parasitária do trigo; o trigo é o tónus anímico-intelectual do Eu, de cada um; o joio, é metaforicamente, o inimigo desse tónus.

## 2 - Introdução

A cultura é uma descoberta daquilo que há dezenas de anos temos tido à nossa frente e nunca compreendemos; incluindo aquilo que esquecemos e queremos lembrar. A cultura é também o conhecimento de gestos e palavras

em quantidade e em qualidade nos significados dos mesmos; incluindo o inerente ao comportamento humano de alguém com outrem.

A primeira razão que deu origem a este livro, é o facto de estar convencido que os seres, a cuja raça pertença, serem altamente perplexíveis, tal como qualquer um de vós; e que essa perplexidade provoca incómodos e embaraços mentais, a partir duma aparentemente simples inspiração numa máscara.

## A ORIGEM DO ABORRECIMENTO

O aborrecimento tem diversas origens; a primeira é no complexo de igualdade contraído por contágio presencial directo com outra pessoa e sob a pré convicção de que todo o ser oriundo da raça humana é aborrecido por natureza, despojado de qualquer interesse cultural súbito de curiosidade existencial prioritária.

A foto cútis fobia é o aborrecimento provocado pela reacção do cérebro à imagem física directa de outro ser humano constituído por qualquer cor de pele.

A eco sonoro fobia é o aborrecimento provocado pela reacção do cérebro à voz humana.

A foto máscara fobia é o aborrecimento provocado pela reacção do cérebro à imagem virtual do interior do crânio representada nas feições do rosto de outrem, que se recordam de forma automática posteriormente.

O que deriva deste tipo de aborrecimento é uma fobia subjacente a uma sensação de esquentação das neuro-células fibromialgicas do cérebro, com alguma produção de ligeiras ou profundas alucinações ocasionais; esta esquentação alterna-se com uma outra sensação de aftose neuro-cerebral-estomacal, constituindo-se as duas sensações como bipolares de alternância, interferindo por ansiedade própria na disposição de humor do indivíduo.

A origem da fobia não é o medo, ao contrário do que afirmam outros autores do pensamento clássico; mas sim na relação de afectação com a máscara, enquanto objecto bruto.

A segunda origem deriva do facto fisiológico de todo o ser depender do equilíbrio electro químico da saúde dos seus neurónios, enquanto conjunto de biliões de células sujeitas a grande melindre de fácil alteração periódica, ou de momento súbito, por falta de repouso ou falha de rigorosa nutrição vulgaríssima.

Sobre estes conjuntos de células alteradas forma-se um “bolor” tóxico, causa directa do aborrecimento, o qual desaparece por si mesmo, em consequência do regular repouso; ou por feliz coincidência ocasional ainda desconhecida que resiste à formação do citado resíduo; este “bolor” é eliminado pela normal corrente sanguínea. Quando assim não acontece produzem-se ligeiras disfunções nas faculdades mentais, com reflexos na memória de contextos e concentração.

Todas estas causas provocam fracos complexos, os quais por sua vez originam uma réplica de segundo aborrecimento automático inevitável e fatal, subjacente a alucinações sentidas com alguma profundidade.

Estas réplicas perpetuam-se no tempo e fixam-se por deslocalização em novos símbolos da memória de contextos, de recentes e novas caras, vozes e cores de pele, semelhantes a antigos símbolos provocando perplexidade ou nostalgia.

Na globalidade da raça humana, de seres iminentemente perplexíveis, de mentalidade variada, somos ambígua e aborrecidamente iguais, como as outras pessoas, com a suposição dessa igualdade como fundo, porque objectivamente iguais uns aos outros só o somos quando estivermos mortos por paragem definitiva da vida; na pontualidade radical de seres individuais, somos todos animadamente diferentes; e é esse aborrecimento de parecermos iguais e essa diferença radical de possuímos uma mentalidade variada, cujo modo misterioso de variação não é possível alguma vez prever, que nos deixa perplexos e nos confunde profundamente, no entendimento mútuo, entre nós e as outras pessoas.

Como é por dentro outra pessoa?! A ideia precedente responde a Fernando Pessoa que não conseguiu resolver totalmente esta questão.

Também J.P. Sartre se convenceu da meia-verdade de que o aborrecimento tinha origem no tédio ou no medo; o aborrecimento e a fobia de aborrecimento são consequências, não são causas, cujas origens já descrevi acima.

Identifico assim, por auto-psicogenia mental, os maiores perigos no relacionamento humano: a falsidade de amizade, a perenidade da pequena paisagem (cara, voz, cor de pele), os vícios fisiológicos de libido e excesso de consumos, a confusão mental e o excesso de conhecimento teórico sob confusão;

O problema principal estará no facto de ficarmos sempre perplexos (porque somos seres de raça perplexível), mesmo assustados, com o facto de nos podermos aborrecer com máscaras, com vozes e com cores de pele de pessoas das nossas raças. Não estará pois no aborrecimento em si mesmo com o qual se contemporiza de qualquer modo.

## Harryx Potteryx

Harryx Potteryx na sua brutalidade de ser perplexível, tinha sido em tempos, um grande compositor musical, mas farto da música que gostava da qual tinha milhões de associações mnemónicas para cada momento ou atitude banal, deixou subitamente de compor fosse o que fosse desprezando as notas musicais, as pautas, os outros músicos, as orquestras, as bandas, ou as inovações e decidiu passar a ouvir só, os sons melódicos, aleatoriamente. Olhava até com dificuldade para tambores, bombos, pianos, violinos, órgãos electrónicos acústicos, clarinetes, saxofones. Fora também atacado por um

vírus, repelente de tudo o que era música, tal como todos os outros milhões de indivíduos compositores, instrumentistas e cantores da Europa.

Para cúmulo desta situação, os governos europeus, inspirados em ideias muito ambicionadas na antiguidade, aplicaram pesadas multas e prisão a quem fizesse ou consumisse música, fosse ela qual fosse. Outros governos obrigavam, por bilhete pré-pago, os seus cidadãos a participar em procissões de bonecos transportados aos ombros, em andores; representando a figura e a cara dos seus vizinhos e conterrâneos vulgares, ou não, de toda a população, em vez de santos ou santas; cujas imagens físicas eram de alguma forma cúmplices e ligavam-se num imediato a memórias muito próximas de todos os seus malogros de existência objectiva; contraía até um gosto irracional bem radical e ofensivo por querer ver bem longe de si, e do sítio onde morava, todos aqueles que simbolizavam essa virtual e bizarra oposição.

Quem não possuísse bilhete para circular na rua ficava sujeito a prisão. Alguns desertores, pateticamente, por efeito de contágio, realizavam sós, e todos os dias a sua procissão privada, sem companhia, sem andores e sem nada; era o caso particular de Harryx e do primo, correndo o risco de serem fiscalizados, porque nunca adquiriam bilhete previamente.

Os sons harmoniosos eram considerados cientificamente como factores intermédios de instalação psicológica de todos os piores vícios compulsivos alienantes que podiam existir, escravizando comportamentos maciços de muitos indivíduos simplórios e pacóvios, como dóceis e inofensivas cobaias sociais, disponíveis para ser explorados sem oporem qualquer resistência cultural, quer à música, quer ao produto de consumo orgânico que lhe era associado em aliciamento sub-reptício, por cabala privada proibida ou por descarada propaganda pública ofensiva das melhores modas alguma vez atingidas pela humanidade.

A música era uma surreal imitação artificial feita por instrumentos rudes e improvisados, do rumor da voz humana ou pressão de ar pulmonar, expelido por nariz e garganta animal, à qual se subtraíam os significados inteligentes de palavras; e amputavam ou ocultavam ecos de tiragens sonoras súbitas, lassidões ou aceleramentos de ritmos de saída de ar levemente comprimido, bocejos fanhosos, tosses, gemidos, ênfases, exclamações, exaltações, risos, choros, assobios, apupos, entoações, estalidos, gaguejos; golpes sonoros súbitos de arfagens, espirros, berros, sopros nasais súbitos rugidos ou urros. Como se a voz fosse uma força vertiginosa que podia abrir e fechar pequenas e múltiplas gavetas diferentes, a uma velocidade estonteante igual a teclas dum piano louco a tocar descomandado; gavetinhas estas que eram colocadas em posição vertical, dum mesmo “armário” surreal invisível, e dissimuladas por um movimento paulatino contrastante de outro “abrir e fechar” mecânico, repetitivo de maxilares de rosto, estes dispostos de forma horizontal e bem visíveis por outrem que escutasse perto de quem falava.

Um misto solto de inteligência e loucura organizada, sob um estado de alucinação e perplexidade, que proporcionava algum agrado (simetria) e bem-estar reflexo à “susceptibilidade” das neuro-células do hipo tálamo, era também a música; aquilo que era consumido e se lhe associava em imagem material íntima, sempre de forma oportunista, a negação da mesma; para acabar com o



produto químico viciante e de acção corrupta sobre o indivíduo o sistema público optava por proibir a música. Era este o raciocínio dominante. E ainda bem que era assim.

Harryx, antes de desgostar de música, tinha contraído uma doença no impulso de mobilidade e posteriormente, em consequência deste, foi afectado por outra que lhe atacou o impulso de empatia, como algo assimétrico. Por essa razão veio a padecer de complexos de que nunca sofreu noutras idades ou condições.

Desgostar de música era como afligir-se com a própria língua materna ouvida e memorizada quando era uma criança. Sonhava-se a fugir dos locais onde antes tinha dirigido orquestras.

Nos derradeiros anos em que exerceu a função de maestro, todos os concertos lhe corriam mal; perdendo todo o virtuosismo de reflexos expressado ostensivamente por gestos de braços, mãos e semblantes; embora não o soubesse, o seu fantasma estereopático (eco de ressentimentos remotos) assediava-o com acessos de raiva e de más reflexões, motivo pelo qual cometia erros sobre erros, no exercício da profissão, e em tudo aquilo em que pensava, imaginando e trocando subitamente o real pelo abstracto, e o abstracto pelo real, numa estranha embolia de ocasião felizmente passageira, mas que o deixava impaciente consigo mesmo. Queria definitivamente retirar a “cabeça das nuvens”, onde sistematicamente vivia, tal como qualquer outro ser desorientado; queria com esta ambição assentar os pés na terra que todos os dias também pisava. Também procurava sair duma “nuvem” feita de frases, palavras e letras, numa intensa vaidade de carácter comum.

Estes ecos eram dilemas mentais do compositor, com excesso de importância ou confiança intensa prolongada, dada no passado a certas situações de rivalidade social, em qualquer idade anterior, e que agora, após se deslocalizarem para o momento presente, o torturavam e oprimiam.

De forma surreal ele acreditava ter um crânio feito de diamantes, em vez de ossos macios; se, por reunião involuntária de impulsos agressivos, tivesse que enfrentar alguém, incluindo o vizinho, sentia-se dotado com a maior dureza material, de ossos-diamantes brilhantes, para ao mínimo contacto, quebrar os fragmentos córneos da cabeça do mesmo, fazendo-a em cacos, partindo-a como a um tijolo, sem sofrer a menor beliscadura; e num fenómeno mental estranho e surreal, anexou todo o espaço material ocupado antes pelo crânio desfeito alvo de destruição virtual, passando a dirigi-lo como uma força planetária de mágico pensamento inferior, vinda do impulso de ráptus sem remorso ou misericórdia, pelo ser vitimado (fenómeno mental de clonismo remoto, no qual o ser se sente projectado de forma virtual no cérebro da vítima para a dominar à distância).

Noutro registo afectivo, acumulava tristeza e dó de si mesmo, como se fosse ar contaminado que lhe espargia os neurónios, deformando-os, ou eclipsando-os, distorcendo a hiper visão e ultra poder de sentimento dos mesmos, como se fossem nano cataratas ou nano bolas de esferovite de cor sépia-velho

preenchendo as cavidades ósseas de todo crânio; quando nos concertos, já não era capaz de enfrentar as caras dos espectadores: sentia-se envolto em sentimentos vertiginosos de algum ódio por cada máscara ou canastro que lhe parecia esconder a hipotética má vontade daquele que a exhibia (pareidolia); como se fossem pequenos monstros, do tamanho dum candeeiro de iluminação de pé alto, a espreitar descaradamente para o criticar nos seus gestos automáticos de direcção musical complexando-o, situação que nunca acontecera antes. Irritava-se muito com a inofensividade que pressentia nesses músicos que dirigia, pela brutalidade que a mesma lhe sugestionava, associando-a caprichosamente a ausência de moral básica, situação que o deixava descontrolado e perplexo consigo mesmo; gostava por outro lado de cercear saudades, imaginando recordações vulgares da sua infância, porque sabia que se não o fizesse regularmente, isso aumentava-lhe o embrutecimento do cérebro, lançando-o num desespero crónico, julgado irreversível, pela espera interminável que também provocava ao ansiar pelo seu fim.

Para Harryx toda e qualquer espécie de sentimento era indizível; cabendo à experiência de cada um sofrê-los; se são indizíveis não é possível comunicá-los ou auscultá-los doutrem seja por visualização, por palavras, por música, por gestos, por mímica ou por outra forma qualquer; constituem-se assim em cada um realidades místicas, ilusórias ou simplesmente fruto de imaginação racional ou não.

Sofria de ansiedade e saudade da intensidade de momentos sistemáticos com que viveu tudo nos seus tempos de menino; que julgava impossíveis de alguma vez mais voltarem a repetir-se, pelo cansaço reflexo que isso provocou, e de que nunca soube prever para evitar agora. Esta ansiedade obrigava automaticamente a memória a repetir o início da mobilidade, por sistema diário imutável, sempre que acordava do acto de dormir. Esta saudade era também a tristeza aniónica fatalista, e aquela que contraía, todos os dias, quando deixava de ver a luz do Sol, ao fim da tarde; e quando via a escuridão aproximar-se lentamente acompanhada da brutalidade do silêncio nocturno, os quais, teimosamente e os dois, estavam sempre a associar-se, como dois aborrecidos bandidos cúmplices, ladrões do sossego de cada um; no gratuito golpe de sol seguinte ficava perplexo com o malogro que representava essa nova luz matinal; deslocalizava esse malogro, susto e perplexidade para as caras dos outros habitantes, com quem convivia ou avistava de soslaio, razão porque sentia necessidade de os evitar de qualquer forma; perplexidade esta que era acompanhada dum sentimento de paralisação do pensamento, duma insuficiência de entusiasmo psíquico, duma ausência de estímulo, que não lhe agradava sentir; e duma susceptibilidade biológica e psicológica, sentida de forma subtil, brutal, nervosa, mesmo doentia, mais própria de animais ferozes, do que de supostos seres ditos humanos.

Para o seu algo sobredotado cérebro, a máscara de qualquer pessoa, era um objecto símbolo de trauma, de inibição, de malogro e de ódio difuso, mas era também uma rele tampa esburacada, oca e irregular, como se tivesse a função simples de tapar uma panela (resto da cabeça); algumas contagiavam-

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

